

“A gente brigou, eu mandei ela embora”: *trend* do *Tik Tok* e suas influências nas opressões de gênero e raça por meio do alisamento capilar¹

Aylla Beatriz Souza Bomfim²
Láise Manielle Ribeiro Martins³
Vinícius da Silva Coutinho⁴

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar os impactos da influência do *Tik Tok* e da indústria midiática brasileira na naturalização da opressão de gênero, raça e estética por meio do alisamento de cabelos crespos e cacheados, apontando a popularização de tranças com fibra orgânica lisa “*Boho Braids*”. Para isso, analisamos tendências lançadas por meio de vídeos no *Tik Tok* e, em contraponto, publicações do X que criticam o novo estilo que reforça padrões estéticos racistas. A metodologia é guiada pela Análise de Conteúdo e o estudo tem abordagem qualitativa. Por fim, compreendemos que as plataformas digitais possuem grande influência na naturalização dessas opressões de raça, por permitir a veiculação desses conteúdos que se configuram racistas e opressores.

PALAVRAS-CHAVE: alisamento; transição capilar; *trend*; crespo; *Tik Tok*.

Introdução

As redes sociais são meios para o compartilhamento de experiências entre os seus usuários e apresentam uma dinâmica interativa com mudanças frequentes nas ferramentas disponibilizadas, como também, nos padrões de comportamento. Nas primeiras fases, as fotografias figuraram com protagonismo, destacando momentos “congelados” que registravam as vivências das pessoas. Nos últimos anos, os vídeos ganharam força dentro do espaço digital e foram tomando formas cada vez mais curtas, podendo alcançar dez segundos de duração, tornando-se os produtos mais consumidos nas mídias.

A solidificação desse formato ainda mais dinâmico, que casa com a rotina acelerada da sociedade atual, foi atestada pela plataforma de vídeos *Tik Tok*. Percebendo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE03 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação em Jornalismo em Multimeios (UNEB), email: ayllabf@gmail.com

³ Estudante de Graduação em Jornalismo em Multimeios (UNEB), email: manielle.laise@gmail.com

⁴ Professor do Curso de Jornalismo em Multimeios (UNEB), Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB). Graduado em Jornalismo (UESPI), email: viniciuscoutinho@uneb.br

o grande número de pessoas que utilizam a plataforma, surge o questionamento de como acontece a influência a partir dessa rede social, sobre o que ela se trata e como atinge e além disso, atravessa o público que consome e participa ativa e desenfreadamente dos conteúdos publicados, como nas *trends* (tendências) do *Tik Tok*, por exemplo, que são conteúdos quase sempre em formato de vídeo, que se popularizaram rapidamente e usam trilhas sonoras de músicas atuais que são sucesso. Elas são relacionadas desde a roupas, ações, até a mudanças drásticas e inconscientes no visual, acarretando quase sempre em perda de identidade do usuário.

O aplicativo, conhecido hoje como *Tik Tok*, foi criado em setembro de 2016 pela empresa *ByteDance*, na China, nomeado inicialmente de *Douyin* e posteriormente se popularizou como *Musical.ly*. Porém, em novembro de 2017, a plataforma foi comprada pelo *Tik Tok* e, atualmente, é o maior aplicativo de vídeos curtos no mundo. Apenas no Brasil, possui 98,59 milhões de usuários, segundo Dourado (2025).

Diante desse cenário, esse estudo busca analisar como uma *trend* do *Tik Tok* influencia a naturalização de opressões de gênero, raça e estética, observando especificamente conteúdos ligados ao aprisionamento capilar de mulheres negras através do alisamento. Assim, esta pesquisa tem por objetivo questionar a influência da mídia por meio da *trend* “A gente brigou, eu mandei ela embora”, por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 1997), aplicado-a a publicações nas plataformas *Tik Tok* e *X*. Diante disso, percebemos como principal conclusão a manutenção de uma hegemonia racista e opressora contra pessoas pretas, especialmente mulheres, nas plataformas.

“A gente brigou, eu mandei ela embora” e o alisamento capilar

No segundo semestre de 2024, a *trend* com a música “A gente brigou”, do cantor brasileiro Mc Don Juan, viralizou com vídeos curtos, que em sua maioria mostravam mudanças de cabelo dos usuários. Porém, entre mulheres negras, foi observado que as transformações envolvem alisamento capilar. Partindo deste ponto, se inicia a discussão sobre a naturalização de mais uma ferramenta de opressão da indústria estética, por meio do ambiente digital, fazendo com que mulheres negras de cabelos naturais e com curvatura sintam a necessidade de se encaixar em um padrão de beleza imposto em que apenas o cabelo liso é considerado belo e sinônimo de limpeza.

Os relatos mais recorrentes, que buscam justificar o alisamento, trazem a praticidade ao lidar com os cabelos no cotidiano e ainda, “cansaço” do visual capilar. Em contraponto, algumas criadoras de conteúdo voltados para cabelos cacheados e crespos com vídeos que questionam a veracidade desses relatos que serão analisados neste estudo. Tratando-se de alisamento capilar, em especial na comunidade negra, é importante entender como essa prática se deu historicamente. No livro “História social da beleza negra”, Xavier (2021) trata sobre isso partindo da ótica do clareamento de pele, tido como um sonho inalcançável. Já a mudança capilar, estava mais ao alcance dessa população que era oprimida para se encaixar no padrão, assim, “o alisamento foi uma política do cabelo hegemônica na comunidade afroamericana até 1950, quando o estilo ‘natural’ começou a se difundir entre os jovens pertencentes a movimentos negros de contracultura” Xavier (2021, p.23).

Foram muitas as técnicas de alisamento capilar ofertadas quase que obrigatoriamente às mulheres negras, os ferros de passar, chapas quentes, chapinhas, alisamentos e relaxamentos, progressivas, todos sempre atrelados a muito sofrimento, demarcado pelo racismo estrutural (Oliveira, 2021). Porém, nos últimos anos, a transição capilar surgiu como uma possível saída. Vendida como uma forma de “assumir sua identidade”, a indústria de cosméticos passou a criar diversos produtos e as influenciadoras de cabelos crespos e cacheados surgiram patrocinadas. Mas o que deveria ser uma forma libertária se tornou uma nova prisão: a imposição aos cachos perfeitos, definidos, finalizações que duravam mais de uma hora e a necessidade de adquirir cada vez mais produtos. Seriam essas mulheres eternamente reféns de padrões?

Procedimentos Metodológicos

Partindo do conhecimento inicial sobre a *trend*, fez-se o uso da Análise de Conteúdo (AC), guiada por Bardin (1997), sendo uma pesquisa com abordagem qualitativa. Na etapa 1, pré-análise, foram realizadas pesquisas na ferramenta de busca do *Tik Tok* e do *X* sobre a *trend*. Assim, foi possível encontrar diversos vídeos que incluíam conteúdos da temática, porém, selecionamos para análise os vídeos da influenciadora Eduarda Valério, conhecida como Stacie Hills, que tece uma crítica a onda de alisamentos que chegou também nas tranças. Eduarda é uma criadora de conteúdo digital de humor e também produz vídeos voltados para sua vida pessoal. A

influenciadora possui 689,4 mil seguidores no *Tik Tok*, tendo um bom alcance nas suas produções. Em meados de dezembro de 2024, ela fez uma série de três vídeos, que com indignação, expõem uma nova onda de alisamento capilar. No decorrer da série, Eduarda questiona a motivação da volta desse padrão e afirma a perda da individualidade e personalidade das pessoas, culpabilizando assim a indústria da estética e as mídias sociais. Os vídeos analisados mostram ainda como o alisamento encontra as tranças, categorizando as mudanças até chegar na utilização da fibra orgânica lisa e como a crescente repercussão do novo modelo pode atravessar o público, aprisionando-o novamente no padrão de cabelo liso. Na plataforma X, também foram encontradas publicações que contrapõem os resultados trazidos na *trend*, tanto sobre alisamento capilar, quanto sobre tranças com fibra orgânica lisa.

Utilizando os dados encontrados foi iniciada a etapa 2, exploração do material. Para organização, foram realizadas: a codificação dos vídeos do *Tik Tok* e publicações do X, como mostram os Quadros 1 e 2, respectivamente, e a categorização com palavras-chave utilizadas na busca “alisamento”, “trança lisa”, “*trend*”, “a gente brigou”, conforme Sampaio e Lycarião (2021).

Quadro 1: Vídeos da plataforma *Tik Tok*

Código	Data de publicação	Tempo	Descrição
01	18/12/2024	1 min e 34 s	A criadora de conteúdo, Eduarda Valério, faz o questionamento à indústria da estética sobre a grande massa da população, principalmente feminina, seguindo o mesmo padrão de beleza
02	18/12/2024	1 min e 31 s	Eduarda Valério traz a discussão da evolução das tranças sem e com cachos e, logo em seguida, lisa. Eduarda discute a questão do cabelo perfeito ser liso, considerado pela sociedade
03	18/12/2024	1 min e 46 s	Eduarda Valério questiona e discute sobre individualidade e definição de beleza na sociedade
04	02/10/2024	11 s	<i>Trend</i> sobre alisamento de cabelos com curvatura

Fonte: Elaboração das autoras (2025)

Para análise dos vídeos, foram utilizados nossos conhecimentos sobre audiovisual, adquiridos enquanto estudantes de Jornalismo em Multimeios, e o estudo

sobre análise crítica, como parte da AC, como advoga Moraes (1999). O autor expõe que para compreender os significados, o contexto é indispensável, considerando o conteúdo, autor, destinatário, codificação e transmissão da mensagem.

Quadro 2: Publicações da plataforma X

Código	Data	Descrição
01	18/02/2025	Publicação sobre a sociedade ser refém da moda e dos virais da internet
02	19/02/2025	Publicação sobre cultura de alisamento capilar para eventos; beleza do cabelo liso
03	16/02/2025	Publicação sobre comparações negativas com cabelos naturais e com curvatura
04	02/12/2024	Publicação compara valores de alisamento, trança e <i>lace</i> (peruca)
05	28/12/2024	Publicação critica trança com fibra orgânica lisa

Fonte: Elaboração das autoras (2025)

O que análise diz?

Diante dos conteúdos partimos para o estudo, que consistiu em uma análise de conteúdo, alicerçada em Bardin (1977), e partindo do recorte racial e pensando o racismo estrutural (Oliveira, 2021), compreendemos o viés de sustentação dos conteúdos: o racismo. Entendendo do que se tratava, partimos para uma análise minuciosa dos vídeos. As publicações variam entre mais aprofundadas na temática, criticando a opressão estética operando novamente, até as críticas mais superficiais sobre a beleza de cabelos e tranças alisadas.

Além disso, a partir desta análise, percebe-se, como resultado principal, a manutenção da hegemonia do padrão de beleza ideal que instiga o alisamento de cabelos naturais, bem como as questões problemáticas relacionadas a permissão desses conteúdos que se configuram racistas e opressores dentro da plataforma *Tik Tok*. A título de exemplificação, isso é perceptível no vídeo, codificado em 04 no Quadro 1, em que traz o seguinte conteúdo: Uma jovem negra, usuária da plataforma, publica um vídeo em que a legenda diz: “Ué, cadê os cachos?” e em seguida diz: “A gente brigou, eu mandei ela embora”, usando a música da *trend* como áudio do vídeo. Na legenda da publicação, consta como uma das *hashtags* a palavra “progressiva”, referindo-se a um método de alisamento capilar.

Considerações

Diante do que foi exposto, analisado e compreendido, é possível perceber como, ainda com as mudanças tecnológicas, digitais e de emancipação, ainda é muito volátil o poder da mulher sobre o próprio corpo, neste caso, sobre o cabelo, se tornando ainda mais difícil quando se é mulher negra. Assim, as redes sociais, principalmente o *Tik Tok* e suas *trends* que comparam, distorcem e aprisionam em padrões cada vez mais inalcançáveis e prejudiciais, contribuindo para a perda da identidade, apagamentos históricos através do racismo velado e naturalização de opressões, pois, quando se olha superficialmente, não se vê além de uma brincadeira, *trend*, forma de viralizar, e na sociedade atual, alimentada pelo desejo de ser visto, alcançar a fama, quem não quer viralizar? Ainda, é perceptível a displicência da plataforma no que diz respeito ao cumprimento de suas próprias diretrizes, ao permitir a veiculação desses conteúdos.

Assim, faz-se imprescindível, enquanto saída, a regulamentação das plataformas digitais, para que haja uma segurança quanto aos conteúdos que são publicados, diminuindo assim os impactos causados no psicológico e na saúde física e mental dos usuários, principalmente de pessoas negras.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

DOURADO, Bruna. **Ranking**: As redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2025, com insights, ferramentas e materiais. RD Station, Florianópolis, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. 1. ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; Lycarião, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

XAVIER, Giovana. **História social da beleza negra** [recurso eletrônico]. 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.